EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SURDOS/AS NO ENSINO SUPERIOR: EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

BEZERRA; Ana kelly Nunes [1]

RESUMO

Experiências Introdutórias

Pesquisar sobre as experiências dos estudantes surdo/as no Ensino Superior é refletir acerca da inclusão, acessibilidade e direitos, é escrever mais um capítulo da história da educação das Pessoas Surdas diante de mais um grande desafio que foi o período pandêmico. O presente artigo tem por objetivo analisar as experiências de estudantes surdos/as no Ensino Superior matriculados durante a pandemia de COVID-19, mais especificamente no Campus –IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), nas unidades I e II (Rio Tinto e Mamanguape). Tendo como direcionamento de pesquisa, utilizou-se das contribuições teóricas dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos. Utilizamos também os conceitos de experiência e tecnologias digitais, com base nas considerações de Bondía (2002), Santos, 2021, Goettert (2019), respectivamente.

Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa qualitativa que segundo Prodanov e Freitas (2013), nesse tipo de pesquisa há uma relação entre o mundo e o sujeito. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se como material de geração dos dados a entrevista semiestruturada. Para tanto, foram elaboradas sete perguntas aplicadas por meio de entrevista remota e presencial em Libras. Além dessas, novos questionamentos foram surgindo, os quais contribuíram significativamente com a pesquisa. A partir desses encaminhamentos, foram identificados/as dois estudantes surdos/as no Campus IV, da UFPB. Um/a dos estudantes o/a qual trataremos por E1, aluno/a do curso de Pedagogia, o outro/a aluno/a do Curso de Ciências da Computação, que trataremos por E2.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: além desta introdução, apresentamos algumas contribuições teóricas sobre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos, do mesmo modo o conceito de experiência e a importância das tecnologias e seu papel na construção da identidade surda por meio da comunicação. Por conseguinte, apresentamos as Experiências de estudantes surdos/as no Ensino Superior no período da pandemia de COVID-19 e por fim as experiências conclusivas.

1. Contribuições Teóricas

Os Estudos Culturais surgiu nos anos 60 no Reino Unido, tem raízes em várias áreas de conhecimento, foi se popularizando entre pesquisadores e hoje em dia é fundamental para se elaborar uma boa parte das pesquisas e estudos na sociedade, procura investigar a variedade cultural e suas relações, analisa questões sociopolíticas, e têm como objeto de estudo as culturas de massas, valorizando as mais variadas formas culturais. Conforme Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 40), “os Estudos Culturais disseminaram-se nas artes, nas humanidades, nas ciências sociais e inclusive nas ciências naturais e na tecnologia”. Os Estudos Culturais exploram diversas significações e possibilidades, permitindo uma análise crítica de fenômenos sociais. De acordo com Skliar (2005, p. 5), os estudos surdos se constituem:

Como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.

As pesquisas sobre os Estudos Surdos em Educação têm tratado das questões sobre as diferenças no contexto da surdez. Como bem disse Skliar (2005), “seria um equívoco conceber os surdos como um grupo homogêneo, uniforme, dentro do qual sempre se estabelecem sólidos processos de identificação”. As questões sobre a construção identitária também têm sido foco de discussão desse campo, identidades que antes eram apagadas, como por exemplo, as identidades Surdas, hoje são reunidas nas produções híbridas. De acordo com Dorziat, Morais, Carvalho, Romário (2019), “As identidades são cambiantes, fluidas, transitórias e contraditórias. Dessa forma, os Estudos Culturais contribuem com os Estudos Surdos para pensarem as identidades surdas, na fluidez, transitoriedade e contradição.

Consequentemente, (re) pensar na construção das identidades das pessoas surdas nos permite construir novas formas de olhar o outro, e assim poder delinear práticas pedagógicas que contemplem a diferença cultural, identitária, linguística e social dos alunos surdos. Não há como pensarmos nas pessoas surdas como um grupo uniforme, cada sujeito tem sua especificidade. Pensando sobre a subjetividade compreendemos que a experiência é algo que atravessa os sujeitos como resultados dos acontecimentos que para com estes se passam, é um saber que fica que gera conhecimento, uma considerável bagagem de vivências. Particularmente subjetiva, este saber pessoal acompanha o sujeito podendo o definir, caracterizando-o de acordo com o tipo de experiência, vivência e construindo sua identidade. Segundo Bondía (2002, p. 27),

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude.

Assim, é importante refletir sobre o ensino remoto com estudantes surdos/as no contexto da pandemia, em todos os níveis, visto que foram os desafios e aspirações, e estes precisam ser partilhados para que questões antes não pensadas possam ter elucidações diante dos novos questionamentos que surgiram. As aulas remotas foi uma das estratégias adotadas e que segundo Vercelli (2020, p. 50), "as aulas remotas ocorrem de forma sincrônica, portanto com a presença do professor em tempo real, sendo que as dúvidas podem ser sanadas no momento em que surgem, por vídeo ou por chat".

De acordo com Goettert (2019), as Tecnologias Digitais e a Comunicação dos Surdos (TDICs) que são utilizadas hoje por eles, são bem diferentes das utilizadas nas décadas passadas, muitas das tecnologias usadas antes caíram em desuso, seja pelo custo ou pela a evolução de novos meios de comunicação. A oferta do ensino remoto dentro do contexto pandêmico e podemos a partir dele perceber que agravou ainda mais a exclusão de muitos alunos.

[1] UFPB, anakellyn051@gmail.com

Além de todas essas intempéries vivenciadas, surdos/as tiveram inúmeras outras adversidades, no entanto é possível ver que a aproximação das tecnologias com esses sujeitos permitiu criar mais autonomia. As pessoas surdas passaram a ter ainda mais contato com a leitura das informações compartilhadas nesses meios de comunicação e "quando se passa a ter acesso à informação, não se aceita mais retrocesso" (Goettert, 2019, p. 126).

Diante disso, devemos reconhecer que novas tecnologias têm um papel significativo na construção da identidade surda por meio da comunicação, visto que ela oportuniza ainda mais a aprendizagem da escrita diante da necessidade de se comunicar, e que o momento vivido pelo advento pandêmico é considerado marcante na cultura e educação dos surdos, assim, essas discussões precisam estar cada vez mais nas produções acadêmicas.

1. Experiências de estudantes surdos/as no Ensino Superior no período da pandemia de COVID-19

Compreendermos que as experiências não se separam do indivíduo que a vivencia é, entender definitivamente que cada pessoa única e essa singularidade se dão pelas diferenças que compõe cada sujeito, portanto, não há como encaixar todas as pessoas surdas sob uma perspectiva estereotipada. Com base nas considerações feitas até aqui iremos iniciar um diálogo em relação aos resultados obtidos nas entrevistas com os/as estudantes surdos/as que estiveram matriculados/as no Campus IV da UFPB durante o período da pandemia de COVID-19.

Primeira pergunta: Como foram as aulas no período de ensino remoto, durante a pandemia de COVID-19?

E1: Primeiro, eu comecei a estudar no ano de 2020. No mês de agosto procurei a coordenação do curso, comecei estudar já no virtual, fiz a inscrição de três disciplinas, procurei também as informações com o CIA[1]para solicitar o intérprete, fiquei muito preocupado porque demorou quase um mês pra chegar os intérpretes. Foi muito difícil pra mim. Uso o computador normalmente nas aulas virtuais, mas foi passando o tempo e fiquei preocupado porque eu estava sem aluno apoiador e os apoiadores da lista já estavam todos ocupados. No ano de 2021, eu consegui um apoiador e juntos pudemos compartilhar, conversar, estudar. O tempo foi passando e as aulas remotas continuaram, foi muito difícil porque passei a sentir muita dor nos olhos, ficaram vermelhos, muito tempo usando o celular, muitos grupos de estudos no WhatsApp, estudando na madrugada, muita preocupação e cansaço devido às atividades, bem difícil estudar nessa pandemia.

E2: Tem o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que eu não preciso ficar me deslocando para o centro universitário, porque eu estudo em Rio tinto e moro em João Pessoa, então não é preciso que eu fique indo e vindo, não gasto combustível. Eu fico em casa, tenho tempo de descansar, acordo pra estudar porque as aulas são remotas e o lado ruim é que depende do professor, de como ele ensina, tem professor bom, um profissional que tem uma qualidade de ensino clara nas aulas remotas e alguns outros professores não é bom, tem mais dificuldades, não há uma comunicação boa, é difícil.

A partir das considerações feitas por E1 e E2, percebermos algumas vantagens e desvantagens. E1 relatou que já ingressou no curso no período da pandemia, e dentre as dificuldades vivenciadas foram, a demora para a chegada do tradutor intérprete de Libras, o fato de não ter conseguido um/a aluno/a apoiador/as logo no início do curso, só conseguindo um ano após o seu ingresso na instituição.

E2 pontua que houve um lado bom e um lado ruim no ensino remoto, o lado bom é a economia do tempo de deslocamento e dos valores gasto com transporte. Quanto ao lado ruim, relatou sobre as dificuldades de alguns professores com a nova configuração de aulas e cita também que a comunicação ficou mais difícil.

De fato, as tecnologias tiveram um papel importante nesse momento delicado em que foi preciso se adaptar rapidamente. Conforme ressaltado em Santos (2021, p. 75), “é verdade que a utilização das tecnologias se intensificou nos últimos tempos. Fato este que ajudou muito os surdos porque apareceu como suporte informacional de Libras”. Hoje temos visto muitas pessoas surdas, não mais como telespectadoras, mas sim como protagonistas de suas próprias histórias.

Ainda dentro do contexto sobre o ensino remoto consideramos importante aprofundar o questionamento com o E2, assim realizamos o seguinte questionamento: Como você tem se sentido em relação a esse período de aulas com o uso das tecnologias?

E2: É como eu falei antes, tem o seu lado bom e tem o lado ruim, eu gosto porque não é preciso eu estar me deslocando, dá pra estudar em casa mesmo, dá pra organizar meu horário está na minha responsabilidade, mas tem o outro lado ruim também, quando, depende muito do professor, tem professor que não se comunica bem com o aluno, se vira, tem alguns desafios, por exemplo, quando tem dificuldade em alguma coisa, quando não fica claro e precisa perguntar, fazer alguma pesquisa, não tem uma orientação, é difícil. Então eu me senti mais ou menos, as aulas remotas são boas pra mim, mas às vezes sinto falta de um diálogo de conversar com as pessoas. Eu estudo Ciências da Computação né, então a tecnologia vai estar sempre evoluindo né então vai ter sempre que se adaptar à tecnologia.

A vista desses relatos é perceptível ver os desafios enfrentados por esses estudantes no ensino remoto, tanto as questões que atravessam a esfera das políticas de assistência estudantil até as questões comunicativas. O/a estudante E2 comenta que o lado bom e ruim depende também da dinâmica do professor que dão menos ou mais atenção as necessidades específicas do aluno. Souza (2022), ao tratar sobre as experiências de professores/professoras do ensino superior com estudantes surdos/as em tempos de pandemia, afirma que é imprescindível que os profissionais que trabalham com pessoas surdas devem participar de cursos de capacitação “visto que conhecer sobre as especificidades culturais dos surdos e as particularidades da língua de sinais são formas de compreendê-los e respeitá-los como sujeitos de diferenças linguísticas que são”. (Souza, 2022, p. 41).

Segunda pergunta: Você já tinha tido alguma experiência com o ensino remoto antes? Compare o ensino presencial com o remoto. Tem diferença? Como é a didática e metodologia; relacionamento e interação entre você e os professores, intérpretes e apoiadores?

E1: É diferente, depende das disciplinas, algumas estão presenciais e outras virtuais, a coordenação e o departamento não pode exigir dos professores para dar aulas presenciais, é bem difícil. Eu tenho vontade de estudar presencialmente, mas os casos de covid aumentaram muito nos últimos anos, muitas pessoas morreram, e precisamos ficar em casa, estudar remotamente, e os dias tem passado, tenho aprendido, estudando bastante. Na sexta-feira estou sem o intérprete de Libras, nas aulas da segunda-feira, quarta-feira e quinta-feira eu tenho intérpretes, na sexta-feira eu fico sem e é um sufoco. Já solicitei a coordenação do CIA, eles já sabem, mas informaram que não tem intérprete disponível pra mim na sexta-feira, e é bem difícil.

E2: Presencialmente eu gosto mais, porque o professor me vê, me conhece e vê a experiência como é conviver com um aluno surdo, como eu. Tem intérprete e a atenção precisa ser em dobro, porque nas aulas remotas eu tenho um pouco mais de dificuldade, porque a comunicação não é muito clara, porque em algumas coisas eu preciso de acessibilidade e não tem. Então, eu acho que a minha comunicação com o professor

[1] UFPB, anakellyn051@gmail.com

diminuiu em relação ao as aulas virtuais, presencialmente é melhor.

À vista dos relatos dos/as entrevistados, podemos perceber a preferência dos mesmos pelas aulas presenciais. Nesse sentido E1 relatou sobre a dificuldade da falta do/a tradutor/a intérprete de Libras em algumas aulas. No relato de E2, é apresentada uma questão pertinente sobre a comunicação nas aulas remotas, o/a aluno/a diz que tem mais dificuldades devido à falta de clareza em algumas situações e que no formato de aulas presenciais essa comunicação torna-se mais fluida, devido ao contado direto entre os interlocutores.

Diante disso, é importante discutirmos aqui sobre a acessibilidade e, a Portaria de nº 3.284/03 pode nos esclarecer sobre alguns requisitos de acessibilidade para pessoas com deficiência que institui as instituições a esse respeito, diz que a instituição caso seja solicitado, deve oferecer intérprete de língua de sinais/língua portuguesa até que o aluno conclua o curso, além de adotar flexibilização na correção de provas escritas, propiciarem informações aos professores sobre as especificidades linguísticas dos alunos com deficiência auditiva. Mesmo diante desses direitos os estudantes revelam que existem falhas e que foram potencializadas no período remoto, seja sobre a falta do intérprete ou até mesmo relacionado à comunicação entre o aluno e o professor.

Terceira pergunta: Como foi a sua experiência no ensino remoto? Foi bom? Como ocorreu a adaptação de materiais, provas, aulas?

E1: Muito boa essa pergunta, depende do professor, uns envia no e-mail, no grupo, no meu contato particular, no Sigaa, pego o texto e peço para traduzir em Libras, não é muito texto, são textos simples e curtos, não são extensos, é enviado para a tradução, o intérprete tem quinze dias para traduzir e me enviar. São atividades simples, na verdade depende da atividade, tem umas simples e outras não, então é bom que as atividades sejam sempre traduzidas, as provas também, sempre adaptadas e eu tenho gostado bastante.

E2: Mais ou menos, tem muito texto, tem site que precisa acessar para fazer prova que é o Google Forms, eu vou lá respondo, posto, espero o professor responder, não tem muita conexão de explicar, como é que vai acontecer a prova, por exemplo, um caso de dúvidas, perguntar, então, precisa entrar no Google Meet ou acessar o WhatsApp e mandar mensagem, para mim poder ter uma resposta mais clara sobre a prova ou para fazer exercício.

De acordo com as respostas dos alunos percebemos que durante as aulas remotas foram usados recursos como as plataformas do Sigaa, Google Meet, WhatsApp, Google Forms, E-mail para que fosse possível acessar os conteúdos, as aulas, as atividades, as provas e demais atividades, e que o nível de dificuldade depende muito do curso, da disciplina e das metodologias adotadas por cada professor/a. Como afirma Alves et al. (2015, p. 37), “são inúmeros os desafios enfrentados por alunos surdos que lutam por uma educação que respeite suas diferenças. Nos depoimentos dos estudantes entrevistados é perceptível que as questões de adaptações dependem de cada professor, e que exige tempo.

Com base em UFPB (2021, p. 16), no que diz respeito ao processo de avaliação da disciplina é sugerido que seja dado "preferência as avaliações que permitam ao surdo de se expressar em sua língua, sendo traduzidos pelos intérpretes para o professor/ e ou para a turma”, diz ainda que “se a avaliação precisa ser impreterivelmente em língua portuguesa escrita, deve-se flexibilizar a correção, priorizando a semântica em detrimento da gramática” (UFPB, 2021, p. 16).

Quarta pergunta: Como era a sua relação com as tecnologias antes do ensino remoto? Houve mudanças?

E1: Eu já uso o computador, comecei no ano de 2020 com um computador, mas agora em 2022 ele quebrou, levei para o conserto, mas ficou muito caro, então no momento eu tenho usado o celular durante as aulas remotas, mas no mês de março eu comecei a estudar presencial no campus de João Pessoa, no campus de Mamanguape continuo sem aulas presenciais.

E2: No começo era um pouco difícil, não tinha legenda, eu tinha dificuldade para poder mexer, porque eu não conhecia como funcionava, agora eu acho bom porque tem acessibilidade, tem legenda, é fácil, tem o *face time*, porque eu vejo o que eu quero, marco a pessoa e fixa na tela, marco outra, tem a legenda, se o intérprete não tem como me dar suporte, mas tem a legenda, pra mim é bom e interessante a acessibilidade. Eu penso que agora a pandemia está acabando, vai mudar tudo, não vai existir só aula presencial, vai ser híbrido, vai ser virtual ou presencial, vai depender muito do professor escolher. Eu estudo Ciências da computação, então a tecnologia vai estar sempre evoluindo vai ter sempre que se adaptar à tecnologia.

E1 e E2 em seus depoimentos comentam que os momentos iniciais foram difíceis e que o período de adaptação foi importante e que depois puderam aproveitar melhor os recursos tecnológicos. Goettert (2019, p. 126), sobre o auxílio tecnologias na comunicação em língua portuguesa para usuários da Libras diz que, a legenda desde o seu surgimento contribuiu para a aproximação dos surdos com a língua escrita. De fato a tecnologia tem ocupado um papel importante na vida das pessoas surdas.

Quinta pergunta: Você participou de outras experiências educacionais além das aulas remotas em sua universidade no período da pandemia? Por exemplo, lives, projetos de extensão, projetos de pesquisa, e outros, quais?

E1: Sim, no ano passado eu entrei no projeto de extensão em Libras junto com a professora de Libras de Mamanguape, eu era voluntário, estava sempre junto ensinando Libras para os alunos ouvintes, quando apareciam dúvidas iam perguntando e compartilhando.

E2: Não é assim, eu quero fazer um projeto e vou entrar, tem edital, precisa de divulgação da informação, e-mail, ou alguém pergunta, olha vai ter um projeto você quer participar? Ai se eu me interessar eu entro. Eu participo do projeto de extensão, próprio da UFPB, pra fazer sistema do site, eu me interessei muito, eu acho pra conseguir participar do curso pra fazer o projeto, precisa que me esforce, correr atrás para ver o que eu quero fazer, também tem que ficar ligado olhar sempre no site, no e-mail próprio da UFPB que avisa, porque sempre avisam e quando tem oportunidade de projeto, requer esforço, estudo, vai depender muito da pessoa.

Em conseqüência da quinta pergunta E1 relatou que participou como voluntário de um projeto de extensão em Libras, em que ensinava Libras para alunos/as ouvintes, já E2 relatou que participa de um projeto de desenvolvimento de sites e que tem se interessado muito e para conseguir participar e permanecer no projeto é preciso se esforçar, estudar e correr atrás dos objetivos que deseja, e que isso depende de cada um. Ainda relacionado ao contexto sobre projetos de extensão, consideramos interessante durante a entrevista perguntar a E1 sobre qual a percepção dele/dela para com a relação aos alunos da extensão e a Libras no momento das aulas, e como foi tal experiência? E1 respondeu da seguinte maneira:

E1: Bem, no ano de 2019 eu fiz o curso de Instrutor de Libras na Funad, então eu conheço como ensinar libras, fazer atividades com os ouvintes, foi muito importante para eu conhecer a Língua brasileira de Sinais lá atrás, aprendi fui desenvolvendo e tenho vontade de aprender mais para ensinar, todo mundo precisa aprender para se comunicar com as pessoas surdas, e se tiver dúvidas, perguntas, em todas as profissões precisa, o contador pode e precisa aprender, o arquiteto precisa aprender, tem muitas pessoas que tem interesse de aprender libras, precisa de interesse e querer aprender a Libras.

Diante desse novo questionamento podemos perceber que E1 é consciente da importância e da relevância da Libras para toda a sociedade.

[1] UFPB, anakellyn051@gmail.com

Sexta pergunta: Em sua opinião o que você considera importante, e o que poderia melhorar para o ensino para o aluno surdo? O que falta? E o que você considera como positivo?

E1: Falta por exemplo, adaptação nos textos, muitas palavras do português eu não conheço e isso é difícil, então eu baixei o programa *Hand Talk* no celular, uso ele, digito a palavra e aparece o sinal, mas para traduzir um texto longo não funciona, é difícil, então precisa ser traduzido. Existe sempre essa barreira de comunicação com a família nos grupos de *WhatsApp*, nesse contexto remoto sempre tem ouvintes conversando, ou mandam áudio, eu não consigo ouvir nada, no grupo do meu curso por exemplo, sempre mandam áudio, eu vejo, e é bem difícil, nesse caso é melhor escrever e enviar, áudio não.

E2: Falta que os professores conheçam mais a vida do surdo, falta também mais acessibilidade, falta mais intérpretes na universidade, a gente sofre, fica esperando o intérprete ter a oportunidade de traduzir, o surdo às vezes não sabe traduzir o que está escrito no texto, precisa de ajuda do intérprete para dizer como se traduz. Às vezes eu tenho dificuldade, por exemplo, o professor não lembra que tem um aluno surdo e coloca durante a aula, vídeo, música sem legenda, então eu acho que falta conhecimento, falta mais informações para ser divulgado para os professores, os professores precisam de capacitação, para melhorar o ensino das pessoas com deficiência, para melhorar a inclusão. É muito difícil você ver um grupo de ouvinte na sala de aula e apenas um surdo, depende muito do curso que você está, por exemplo eu, curso ciências da computação, sou a única surda, e mais, a única mulher surda, a maioria é homem, então são tem muitos desafios para superar.

E1 fala de sua dificuldade de compreensão com a língua portuguesa, o relato desse/a estudante é recorrente dentro do discurso de uma pessoa surda e é preciso que seja dada atenção a isso. A Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e em parágrafo único diz também que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Diante disso, é preciso que todos os envolvidos nessa conjuntura de ensino se interessem sobre a inclusão, a acessibilidade, a Libras, a cultura, sobre identidade surda, sobre a aquisição do português como uma segunda língua.

Sétima pergunta: Na sua opinião você considera as plataformas digitais, como por exemplo, o Moodle Classes, Sigaa, acessível às suas necessidades? De que forma elas têm colaborado?

E1: Eu não conheço muito, quando tenho dúvidas eu pergunto ao apoiador, pergunto sobre os sites, textos, artigos, por exemplo, eu não posso copiar do texto dos sites, eu pesquiso e dou a minha própria opinião, o apoiador sempre fala que devo colocar a minha resposta, a minha opinião seguindo as regras da ABNT, é preciso respeitar essas regras, seja na atividade, no projeto, nos trabalhos, assim eu tenho desenvolvido. O Moodle Classes, nunca usei, não conheço, minhas aulas sempre são no Google Meet. O Sigaa eu conheço, o professor coloca os textos lá, eu acesso, pego o texto ou vejo o assunto, mas os textos eu sempre preciso que sejam traduzidos, às vezes tem vídeos, uns tem legendas e outros não tem.

E2: No começo era difícil, no Sigaa são muitas informações e você se perde, quer saber da nota, é muita coisa, quero saber sobre bolsa, procura, é muita informação, então é complicado. O Moodle Classes é mais ou menos tem algumas dificuldades, mas dá pra aprender com o tempo, usando as ferramentas todos os dias, vai aprendendo, então eu consegui, foi ficando claro, mas o Sigaa não é um site fácil de acessar não.

Com base nas respostas dos estudantes entrevistados, podemos notar algumas dificuldades por parte deles em acessar essas plataformas no início do contato, mas depois foram se adaptando e ficando cada vez mais prático de usá-las. Notamos também a figura do poiador como um agente importante nesse processo de adaptação, pois eles auxiliam os alunos apoiados[2] em diversas atividades inclusive no manuseio e acesso a essas plataformas.

Essas experiências relatadas revelam para além dos desafios encontrados no ensino superior de um/uma estudante surdo/a, mostra principalmente o que é preciso ser feito para amenizar ou até mesmo e extinguir a exclusão e a inacessibilidade, mas sabemos que não depende apenas das leis, mas de cada um que convive em nossa sociedade, parte do interesse ou da necessidade de conhecer sobre as questões que são do contexto da vida das PCDs, é uma responsabilidade de todos que estão a volta.

1. Experiências Conclusivas

A busca pelo entendimento de como aconteceu o ensino remoto no nível superior por meio das experiências desses/as estudantes surdos/as do Campus IV da UFPB, é uma forma de fortalecer os diálogos dos ES e EC, é também romper paradigmas. As narrativas como essas mostraram os desafios enfrentados por esses/as estudantes, no período de pandemia de COVID- 19. Ficou evidente também o papel que as tecnologias tiveram, e que exigiu muito esforço e adaptação de maneira rápida para que as aulas e demais atividades continuassem. Não foi uma realidade fácil, mas obtiveram saldos positivos, como por exemplo, as políticas de inclusão e acessibilidade adotada pela universidade.

No que diz respeito aos processos educativos foi possível perceber durante as análises e reflexões sobre as experiências que ainda falta mais capacitações para os professores para que eles estejam atentos a história, as metodologias e as necessidades dos alunos e assim como também demonstrarem interesse em aprender a Libras para que a comunicação com as pessoas surdas seja mais direta e eficiente.

Para além do ensino remoto, identificou-se a partir das experiências educacionais vivenciadas pelos participantes da pesquisa assumiram e tem assumido um lugar de protagonismo nos espaços acadêmicos. Diante disso, é possível compreender que é preciso o fortalecimento de um trabalho colaborativo entre as políticas de inclusão e acessibilidade, as políticas de assistência estudantil, professores/as, estudantes surdos/as, estudantes apoiadores, na verdade toda a comunidade acadêmica esteja junta e para além das salas de aula, para que esses estudantes surdos/as possam participar de forma inclusiva e acessível também, das pesquisas e das extensões e assim participem das produções de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, FC., et al. Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaçosacadêmicos. In: ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos:** formação, estratégias e práticadocente [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 27-47. ISBN 978-85-7455-445-7.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira deEducação. Campinas, nº 10, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

[1] UFPB, anakellyn051@gmail.com

B R A S I L , **Portaria nº 3.284, de 7 de novembro de 2003.** Ministério da Educação. Disponívelem: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port3284.pdf> Acesso em: 09 de abril de 2024.

BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm.> Acesso em: 9 de abril de 2024.

COSTA, M. V; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H, **Estudos culturais, educação epedagogia**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio./jun./jul./ago.2003.

DORZIAT, A; MORAIS, M. M. de; CARVALHO, L. S. M. de; ROMÁRIO, L**. EstudosCulturais e Estudos Surdos: aproximações conceituais**. 2020. Disponívelem:<https://docero.com.br/doc/n8vvcev> Acesso: 9 de abril de 2024.

GOETTERT, Nelson. **As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação emlíngua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais**. In: CORREIA, YGOR;CRUZ, CARINA. Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais. Porto Alegre: Penso, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de**. Metodologia do TrabalhoCientífico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico, 2ª Ed., NovoHamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEURUniversidade Feevale, 2013. Disponível em:https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf Acesso em: 09 de abril de2024.

SANTOS, R. P. H. L. **O contexto da docência da educação superior e a comunicaçãoonline:** considerações de uma professora surda sobre o uso das tecnologias pós-março de2020. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – CentroUniversitário Internacional Uninter. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/600/Vers%c3%a3o%20Final_Disserta%c3%a7%c3%a3o_Rafaela%20Piekarski%20Hoebel%20Lopes%20Dos%20Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 9 de abril de 2024.

SOUZA, G. A. 2022. **Experiências de professores/as com estudantes surdos/as:** ensinosuperior em tempos de pandemia de Covid-19**.** TCC (Graduação em Letras LínguaPortuguesa) – Universidade Federal da Paraíba. Mamanguape, 2022.

SKLIAR, Carlos. **Os estudos em educação: problematizando a normalidade**. In: _____(Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.7-32.

UFPB, **Cartilha de orientações para docentes:** como receber os estudantes surdos noperíodo remoto. Comitê de Inclusão e Acessibilidade. João Pessoa: UFPB, 2021. Disponívelem:<https://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/cartilha-ensino-a-alunos-com-surdez- 2.pdf/view> Acesso em: 9 de abril de 2024.

UFPB. Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência: **Manual de orientações aoestudante apoiador.** Comitê de Inclusão e Acessibilidade. João Pessoa: UFPB, 2016.Disponível em: < https://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/cartilha-de-orientacao-paraapoiadores-2.pdf> Acesso em: 9 de abril de 2024.

VERCELLI, L. C.A. **Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes deum programa de mestrado profissional em educação**. Revista @mbienteeducação. SãoPaulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60 Maio/Agosto 2020.

[1]O Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) da UFPB é um órgão interno da instituição responsável por viabilizar a inclusão e acessibilidade para os alunos/as com deficiência da universidade.

[2]O aluno apoiador é “um mediador entre o docente e o aluno, e entre o aluno e os materiais pedagógico, para facilitar o desempenho estudantil”. (UFPB, 2021, p. 15).

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes surdos/as, Experiências, Ensino Superior, Ensino remoto

[1] UFPB, anakellyn051@gmail.com